



A erótica do sono¹

Ensaio psicanalítico sobre a insônia e o gozo de dormir

Autor: Mario Eduardo Costa Pereira
 Editora: Aller, 2021, 208 p.

Resenhado por: Luiz Eduardo Prado²

Mario Eduardo Costa Pereira é psicanalista e psiquiatra. Atualmente é professor associado do Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), onde dirige o Laboratório de Psicopatologia Sujeito e Singularidade (LAPSUS). É mestre em saúde mental pela Unicamp (1989), doutor em psicopatologia fundamental e psicanálise pela Universidade de Paris 7 – Denis Diderot (1993) e livre-docente em psicopatologia pela Unicamp (2008). É ainda diretor do núcleo do Corpo Freudiano, Escola de Psicanálise, em São Paulo. Após essa longa série de títulos, cumpre acrescentar, sobretudo, que ele é o autor deste excelente livro.

Não digo “excelente” por acaso, semeando palavras elogiosas, trazendo alegria para um autor (ou desconfiança, quem sabe?). Eu o digo para qualificar um trabalho com qualidade, o que sempre me impressiona. Vamos aos fatos. Este livro é completamente desprovido de qualquer tipo de jargão. Quando cita autores da psicanálise (o que é raro) – principalmente Freud ou, às vezes, Lacan –, Mario Eduardo o faz como quem fala de um amigo simpático, sem cair em admirações nem apologias indevidas. O mais das vezes recorre a autores literários: Shakespeare, muito; também Graciliano Ramos, bastante; porém, ainda aqui, nada de admirações, bajulações. Ele os estuda como antepassados interessantes, dignos de serem amados. Aliás, seu livro é dedicado à sua avó, com muita ternura, e tem um capítulo emocionante sobre sua babá e o acalanto. O autor escreve sobre Shakespeare da mesma maneira que sobre essa babá, sem endeusamento, porém com muito cuidado.

1 Texto revisto e corrigido por Marta Raquel Colabone.

2 Professor emérito de psicopatologia e história da psicanálise da Universidade de Paris 7 – Denis Diderot. Psicanalista. Membro do Espace Analytique, Paris.

O livro

O livro se apresenta com oito capítulos, todos se encadeando com uma epígrafe retirada da *Epopéia de Gilgamesh*, pois desde então os poetas já se preocupavam com os sonhos.

Para reavivar nossa lembrança, esse poema a respeito do primeiríssimo herói da humanidade – a história do primeiro homem que, para vencer a morte, atravessou mares nunca dantes navegados – se organiza em torno de sonhos. O primeiro deles, que abre o poema, diz o seguinte (*Lépopée de Gilgamesh*, 1992, pp. 78-81):

Minha mãe, eis o sonho
que tive essa noite.
Eu estava cercado
pelas estrelas do céu.
Uma espécie de bloco vindo do céu
caía com todo o seu peso
perto de mim.
Tentei mudá-lo de lugar.
Não conseguia movê-lo.
Diante dele estava o povo de Uruque.
O povo tinha se reunido por lá,
a massa se aglomerava junto a ele,
os rapazes se empurravam para vê-lo,
e como se fosse um bebê,
lhe beijavam os pés,
enquanto eu brincava com ele
como se fosse uma mulher.
Depois, eu o deitava
a teus pés.
E tu o tratavas
igual a mim.

A mãe de Gilgamesh interpreta o sonho:

As estrelas do céu
são tua escolta.
Essa espécie de bloco vindo do céu,
que caía com todo o seu peso
perto de ti,

que tu tentavas levantar
 e era muito pesado,
 que tu tentavas deslocar
 sem conseguir movê-lo,
 que enfim tu depositavas
 a meus pés
 e que eu mesma tratava como teu igual,
 e com quem tu brincavas como se fosse uma mulher,
 isso tudo quer dizer
 que vai chegar para ti
 um companheiro poderoso,
 que vai te ajudar,
 o mais forte do país,
 o mais vigoroso,
 tão sólido quanto um bloco vindo do céu.

Gilgamesh fica muito contente com a interpretação. O que mais queria na vida era ter um amigo assim. Em seguida, tem outro sonho muito parecido com esse, que também conta à mãe. É o sonho de um machadinho fincado na praça central de Uruque. E a cena se repete. Gilgamesh trata o machadinho como se fosse um bebê, e acaba deixando-o aos pés da mãe. A mãe dá a mesma interpretação para o sonho, e Gilgamesh reage do mesmo modo. O que mais queria na vida era ter um amigo assim. O amigo que vai chegar é Enquidu e, quando chega, vão logo brigando, antes de descobrirem que preferem ser amigos e caírem nos braços um do outro.

Utnapishtim disse: “Quanto a ti, Gilgamesh, quem irá reunir os deuses por tua causa, de maneira a poderes encontrar a vida que estás buscando? Mas, se quiseres, vem e põe-te à prova: terás apenas que lutar contra o sono por seis dias e sete noites”.

É do que trata o livro, cujos quatro primeiros capítulos são: 1) “A insônia, o sono ruim e o dormir em paz: a erótica do sono em tempos de Lexotan; 2) “Boa noite, amado príncipe: notas psicanalíticas sobre a insônia, o repouso e a morte na tragédia de Hamlet”; 3) “Macbeth e o assassinato do sono: um ensaio psicanalítico sobre a insônia”; 4) “Sim ou não: a angústia e a voz do Outro”, que fala também da insônia, porém agora saindo de Shakespeare e passando para Graciliano Ramos.

O sono

E então? Seria um livro com o título apontando para a erótica do sono, mas tratando da impossibilidade de dormir – como se um livro sobre erotismo tratasse apenas de frigidez, de impotência? Claro que não.

O prólogo leva como título justamente “Sobre o gozar do sono e do repouso”. Tem como epígrafe o poema “Exausto”, de Adélia Prado:

Eu quero uma licença de dormir,
 perdão pra descansar horas a fio,
 sem ao menos sonhar
 a leve palha de um pequeno sonho.
 Quero o que antes da vida
 foi o sono profundo das espécies,
 a graça de um estado.
 Semente.
 Muito mais que raízes.

A isso se seguem quatro linhas de apenas “Tsss, tsss, tsss, tsss”, com o comentário do autor:

Esse foi o acalanto que marcou minha infância. Com a língua entre os dentes e um siflar doce, lento, suave, minha avó entoava languidamente – sem dizer palavra – “Nana neném” até que eu embarcasse no sono com tranquilidade. “Nana neném/ que a Cuca vem pegar./ Papa foi na roça,/ Mamãe foi trabalhar”. (pp. 11-12)

Poesia aqui não é palavra à toa, nem de longe. O livro não se propõe a ser um livro de psicanálise poética. Simplesmente ocorre que a prosa fluida que o percorre se banhe em poesia. É um jeito de andar na vida, caminhar. Mario Eduardo poderia aconselhar que se leia seu livro

segundo o modelo de um passeio imaginário. No começo, a floresta escura dos autores (que não enxergam as árvores), irremediavelmente perdidos nas trilhas erradas. Depois, uma trilha oculta pela qual conduzo o leitor – meu sonho exemplar, com suas peculiaridades, pormenores, indiscrições e piadas de mau gosto – e então, de repente, o planalto com seu panorama e a pergunta: em que direção você quer ir agora? (Freud, 1986, p. 366)

É assim que Freud apresenta em carta para Fliess o método de leitura do seu mais que célebre livro dos sonhos.

Os demais capítulos do livro de Mario Eduardo também apontam para a erótica do sono: 5) “O que restou de nossos primeiros amores negros? A ama de leite, o cafuné e outras marcas da Mãe Preta no sono à brasileira”; 6) “O acalanto: entre o desamparo e o erotismo”. Por fim, um epílogo, “Depois do amor ou – Com quem você dorme?”.

Assim, a insônia, embora ocupe parte importante do livro, aparece como o que nunca deixou de ser: uma dificuldade de se entregar ou de se abandonar à erótica antiga, arcaica, primitiva do sono.

William Shakespeare e Graciliano Ramos

Ao longo desse percurso, Mario Eduardo alinhava considerações teóricas com referências a personagens maiores da literatura. Vimos aparecer Hamlet e Macbeth no título de capítulos do livro, e ainda um capítulo intrigante comportando “a voz do Outro”. Porém, a conversa em torno do príncipe da Dinamarca já aparece bem antes, desde o capítulo anterior – “A insônia, o sono ruim e o dormir em paz” –, quando Hamlet se preocupa em saber:

Que sonhos inimagináveis nos reserva o sono da morte, terra desconhecida da qual jamais alguém retornou para nos revelar os segredos? O medo de que sejam pesadelos ainda piores do que aqueles sofrimentos que experimentamos em vida sufoca-nos a vontade e “nos faz preferir e suportar os males que já temos a fugirmos para outros que desconhecemos”. (p. 32)

É assim que uma erótica do sono se define em recorte oposto ao que motiva o pavor de dormir, ou seja, a insônia. Quando logo depois chegamos ao capítulo onde Hamlet é retomado, “Boa noite, amado príncipe”, não é surpresa lermos que essa frase aconchegante não o é, pois o príncipe está morto e quem a diz é seu amigo na hora do enterro. Estudando minuciosamente a dialética entre sono e insônia, Mario Eduardo revela-se amplo conhecedor da obra de Shakespeare. Em “Macbeth e o assassinato do sono”, ele abre parênteses, primeiro com “Notas sobre o sono, a insônia e a morte no teatro de Shakespeare”, em seguida com “As dinâmicas erógenas e narcísicas do sono: o lugar do Outro”, continuando “Sem que o sono, noite e dia, lhe baixe aos olhos um nada”, antes de chegar propriamente a “Macbeth e o ‘assassinato do sono’”, pois a essa altura já ficou claro que a insônia resulta da impossibilidade de entregar-se, abandonar-se ao sono devido ao pavor engendrado pela possibilidade de sonhos terrificantes.

Em “Sim ou não: a angústia e a voz do Outro”, o autor tece com fios de malha finas leituras de dois seminários de Lacan a partir de um conto de

Graciliano Ramos, “Insônia”, no qual o narrador é acordado por uma voz que lhe vem de dentro do sonho perguntando: “Sim ou não?” – voz que jorra no sonho, imperiosa. O próprio Graciliano resume o sucedido:

Sim ou não? Para bem dizer não era a pergunta, voz interior ou fantasmagoria de sonho: era uma espécie de mão poderosa que me agarrava os cabelos e me levantava do colchão, brutalmente, me sentava na cama, arrepiado e aturdido. (p. 131)

Os seminários de Lacan, entretecidos na abordagem do conto, são *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* e *A angústia*. Soma-se a isso a presença do fio constante do *Hamlet* de Shakespeare e a referência permanente ao Freud d’*A interpretação dos sonhos*. O resultado é um texto instigante.

A infância

Nos últimos capítulos – “O que restou de nossos primeiros amores negros? A ama de leite, o cafuné e outras marcas da Mãe Preta no sono à brasileira” e “O acalanto: entre o desamparo e o erotismo” – explode o fogo de artifício criativo do autor.

O primeiro tem como epígrafe um poema, “Mãe Preta”, de Patativa do Assaré, que vale a pena mencionar:

Se chegava a noite escura
Com seus negrumes sem fim,
Ela com muita ternura
Chegava perto de mim.
Uma coisa cochichava
E depois que me beijava
Me levava para a dormida
Sobre os seus braços lustrosos.
Aquilo, sim, era gozo,
Aquilo, sim, era vida. (p. 147)

E o texto irradia em recantos – “A Mãe Preta na tradição cultural brasileira”, “O cafuné na corporalidade brasileira”, “O desdobraimento das mães e o Édipo à brasileira”, “Da mulher escravizada e ama de leite à doméstica e à babá do Brasil contemporâneo”, “A Mãe Preta: da idealização à forclusão”, até desaguar no último capítulo, “O acalanto”, cuja epígrafe é a famosa canção de Dorival Caymmi com o mesmo título: “É tão tarde/ A manhã já vem...”, à qual se segue uma evocação de Blaise Pascal: “O silêncio eterno desses

espaços infinitos me apavora” (p. 172). Aqui o texto tece de modo bem amarrado Freud e Lacan, no que ambos têm a dizer sobre o sono, que é, sim, uma experiência erótica intensa. Vale lembrar a última frase do capítulo: “A voz maternante do acalanto aplaca o silêncio das estrelas e exorciza o terror produzido pelo ensurdecido endereçamento do Outro ao desamparado sujeito, chamando-o – não se sabe por quê – a existir” (p. 191).

O epílogo sublinha o erotismo do sono, “Depois do amor ou – Com quem você dorme?”, lembrando logo nas primeiras linhas um trecho de *A insustentável leveza do ser*, de Milan Kundera, em que, depois de descrever o sono do casal de amantes, o autor conclui: “Sinto-me quase tentado a dizer que o que procuravam no ato sexual não era a volúpia, mas o sono que se segue” (p. 193). Desse erotismo, o modelo de base é o que Freud descreve do bebê resaciado após ter mamado, quando cai no sono.

Conclusão

Aconselho vivamente a leitura e a descoberta deste trabalho tão primoroso de Mario Eduardo Costa Pereira. Porém, alinhar elogios como faço aqui não contribui muito nem para o autor nem para os leitores (que, espero, serão muitos). Cumpre levantar duas leves perguntas críticas: e a clínica? E o sonho? Se pudemos adivinhar as implicações disso tudo para nossos pacientes, teria sido melhor explicitá-las um pouco que fosse, permear o texto com observações clínicas e relatos de sonho, evocando nossos pacientes que sofrem de insônia, as soluções que encontram, os sonhos que sonham quando enfim dormem. Recordo um paciente que, para combater a insônia – pasmem –, bebia café preto bem forte, jogando com a inversão dos sinais que muitas vezes encontramos em certas constelações mentais. Outra paciente, sofrendo do mesmo mal, após anos de análise, deixou vir à tona uma lembrança em que ficava aguardando os barulhos que vinham do quarto – da cama – dos pais, em altas horas da noite. Ainda outra paciente insone, quando enfim dormiu, teve sonhos tão horríveis que começamos a compreender as razões da insônia. Fica a pergunta para o autor, pergunta para mim insistente: por que não explicitar a clínica, relatar sonhos? Os franceses dizem: “Ce qui va sans dire, va encore mieux en le disant”, ou seja, “O que nem é preciso dizer, fica ainda melhor quando se diz”.³

3 Pela simplicidade da tradução, agradeço a Carolina Vidal, psicanalista, membro da Sociedade Psicanalítica Iracy Doyle, Rio de Janeiro.

Referências

L'épopée de Gilgamesh: le grand homme qui ne voulait pas mourir (J. Bottéro, Trad.). (1992). Gallimard.

Freud, S. (1986). Carta de 6 de agosto de 1899. In J. M. Masson (Ed.), *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904)* (V. Ribeiro, Trad., pp. 366-367). Imago.

Luiz Eduardo Prado
ledprado@gmail.com